

CURSOS DE FUNDAÇÃO “COMPLETAM” CURRÍCULO NA FAU

Terezinha Vicente Ferreira
Jornalista



Fundação para a Pesquisa Ambiental (Fupam), criada há 25 anos, oferece dezenas de cursos, inclusive um de especialização, “Conforto Ambiental e Conservação de Energia”, que está na terceira turma e cobra de cada aluno um total de R\$ 4.620

A FAU vive, desde 1998, um longo processo de reforma curricular. Enquanto isso, a Fundação para a Pesquisa Ambiental (Fupam) realiza cursos pagos que, segundo os alunos, deveriam fazer parte do currículo, e alguns professores tentam suprir as falhas com palestras e atividades afins. Um exemplo citado por vários alunos é o curso de Autocad, programa de informática, que a Fupam oferece nas modalidades básico e avançado, recurso essencial para se conseguir qualquer estágio.

“Se você quiser essa matéria, tem que fazer o curso da Fupam que, com o desconto para alunos, fica em R\$ 300,00. Nós acabamos sendo obrigados a fazer alguns cursos pagos e abertos para a sociedade, que deveriam ser matérias do currículo”, reclamam os alunos.

Para a professora Heliana Comin Vargas, presidente da Fupam, “a fundação não está dando os cursos porque a FAU não dá; a FAU não consegue pagar os professores que dão estes cursos”. Segundo a professora, é discutível o que deve entrar no currículo. “O computador é considerado um instrumento, um apoio técnico. O aluno usa a informática como instrumento de desenho, mas o ato de projetar independe de instrumento”.

O patrocínio dado por Cosipa, Usiminas, CSN e Aço Minas ao curso sobre uso do aço é considerado salutar pela presidente da Fupam, por permitir que a taxa de matrícula não exceda os R\$ 70,00. “A Cosipa patrocina e o aluno aprende de graça a projetar no aço.

Quem ganha é quem está fazendo o curso e aprendendo. As fundações são mais ágeis para a atualização em relação às demandas do mercado”, opina a professora Heliana.

Os alunos, por sua vez, criticam tanto a inexistência da disciplina no currículo como a “solução” oferecida pela fundação privada. “A FAU parou na era do concreto, alguns professores tentam encaixar informações sobre tecnologia do aço, mas é insuficiente, deveria existir no currículo”, dizem. “Enquanto isso, a Fupam tem esse curso, patrocinado por empresas fornecedoras do material para obras”.

Criada há 25 anos, a Fupam oferece permanentemente cerca de 20 cursos, e todo ano introduz novos temas na programação. Em média, 60 turmas anuais foram atendidas nos últimos quatro anos. Em 2001, passaram por seus cursos 1.400 alunos, dos quais 125 receberam bolsas integrais, segundo a fundação.

“O carro-chefe são os cursos de instrumentalização. Na maioria são de difusão cultural e atualização, com carga horária média de 30 a 40 horas, e as taxas variam entre R\$ 300,00 e R\$ 390,00”, informa a professora Heliana. “São oferecidas bolsas para alunos, funcionários e professores da USP. A média varia de 10 a 30 alunos pagantes. Oferecemos apenas um curso de especialização.”

“Conforto Ambiental e Conservação de Energia”, com carga de 360 horas, é o curso de especialização oferecido pela Fupam. Está na terceira turma atualmente, e seu custo é de R\$ 4.620,00 no ano (R\$ 385,00 por mês). “Procuramos nos antecipar às questões funda-



Professora Heliane Comin

mentais para o desenvolvimento urbano”, diz a presidenta da fundação. “Assim, o curso de energia foi lançado duas vezes sem sucesso. Só ‘pegou’ quando veio a crise de energia, a primeira turma foi no ano passado”.

Da mesma forma, ela justifica o novo curso anunciado pela Fupam para o segundo semestre: “Urbanismo Comercial e Arquitetura de Negócios”, a ser ministrado por ela. “Essa área específica, comércio e cidade, não existe no currículo e é importante”, diz. “Vamos aproveitar a presença de um professor português, que vem a um Congresso em outubro, para falar sobre ‘Urbanismo Comercial’, para dar aula neste curso”.

A Fupam diz observar todos as normas da Universidade nas atividades de extensão, sendo “emitidos certificados USP somente de cursos aprovados pelos seus colegiados”. Cerca de 10% dos professores da FAU são ligados aos cursos da Fupam, afirma a professora Vargas.

“Porém, todos os cursos são coordenados ou ministrados por um professor da FAU”.

Os recursos captados pelos cursos são todos empregados na unidade, segundo a presidente da Fupam: “Quando há saldo, é utilizado na aquisição de equipamentos como projetor, retroprojetor, projetor multimídia, TV, vídeo, micro computadores, softwares. Os equipamentos são cedidos para utilização da FAU durante o dia nos cursos de graduação, e à noite nos cursos de extensão”.

Os alunos rejeitam a visão da Fundação. “A gente olha a cidade e sabe que 50% da população mora em habitações irregulares, favelas e loteamentos”, diz Myriam Tschiptschin, representante discente na Comissão de Cultura e Extensão (CCEEx) da FAU. “Enquanto isso, a Fupam lança um novo curso sobre *shopping centers*. Não tem nada a ver”.

Essa também é a opinião de Daniel Ramos, diretor do Grêmio da FAU. “Os cursos direcionam o interesse apenas para a lógica do mercado, que é totalmente contrária ao que deveria ser a universidade pública”, acredita o estudante. “O que propomos como extensão universitária são atividades práticas a serem desenvolvidas fora dos muros da universidade, interagindo com movimentos sociais organizados”, acrescenta. Como exemplo, cita o Labhab, laboratório de habitação, cujos projetos conseguem bolsas do Fundo de Cultura e Extensão.



Myriam e Daniel

“50% da população mora em habitações irregulares, favelas e loteamentos. Mas a Fupam lança um novo curso sobre shopping centers”

Para a representante discente, pode começar alguma moralização a partir de mudanças no regimento da Cultura e Extensão. “Agora, os certificados só poderão levar o nome da USP se houver, de fato, o mínimo de 50% das aulas dadas pelo professor coordenador, que é realmente quem carrega o nome da FAU”, explica Myriam. “Acontecia que o coordenador se responsabilizava pelo curso, assinava o certificado, mas outros davam aula”.

Para os alunos, as pequenas melhorias não compensam o desvio proporcionado pela existência

das fundações e os cursos pagos. “Mesmo os professores que são contra a fundação, se querem desenvolver algum projeto de interesse dos alunos, tem que ser pela fundação. As portas da universidade estão abertas para quem pode pagar e continuam fechadas para quem não pode”.

O professor Jorge Oseki, do Departamento de Tecnologia da Arquitetura, lembra que a lógica das fundações é muito presente em unidades como a FAU, a Escola Politécnica e a Escola de Enfermagem. “Nas faculdades mais profissionais, a cultura de mercado é muito forte. Por isso é preciso fomentar a cultura universitária, para fazer frente a ela”. O professor Oseki também argumenta que, se as fundações estão crescendo na USP, isto é consequência de não se estar utilizando o espaço público. “Devemos criar utilidades para o espaço público, pois, se não o ocuparmos, vamos perdê-lo”, adverte.